

FOTOARQUEOLOGIA NA AMAZÔNIA: EM TRÍPTICOS

Maurício de Paiva¹

"A parede todinha são os cacos. Tive a impressão de uma inundação nas camadas e mais camadas dessa terra. Olhando assim, parece uma coisa como se fosse prateleiras numa parede de terra, como uma loja de cerâmica ou uma biblioteca de livros de história." (Maria Mendes da Silva, moradora do Amapá)

“Mirar las cosas desde un punto de vista arqueológico es comparar lo que vemos en el presente, lo que sobrevivió con lo que sabemos que ha desaparecido.” (Didi-Huberman 2017)

Escrever é falar de si sem a navalha do olho. É sofrer um abrir de vísceras. Aguaceiro e subterrâneo. Se diz que "escrever é físico", que dói; fotografar também é disponibilizar corpo - sentimento e um certo descontrole no encontro com a realidade e o desconhecido, dentro de um tema de trabalho em narrativa visual. É estar alerta, sempre no sinal amarelo, no

¹ Fotógrafo documentarista independente, é também jornalista *freelancer* e colaborador regular de National Geographic Brasil e Portugal, com mais de 20 reportagens publicadas. Autor de 3 livros (temas como Fotografia/Arqueologia/Esporto/Afrodescendentes); seus trabalhos ensaísticos são baseados em longos períodos em comunidades da Amazônia brasileira desde 2005, que lhe permitem entender os elementos socioambientais, antropológicos e históricos dos lugares que viaja. Na produção de imagens com acervos arqueológicos e etnográficos, faz parcerias com o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE), o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Amapá (NuParq/IEPA), o Laboratório de Arqueologia e Antropologia Ambiental e Evolutiva do Instituto de Biociências da USP, o Museo Arqueológico de La Serena, no Chile e o Musée Dobrée, em Nantes, (França) - onde participou de exposição em 2019. E-mail: fotomauricio@gmail.com

trapézio, sempre no labirinto da frustração como efeito posterior. Tem o sonho, tem a atitude, tem as viagens, tem a intuição, a liga com a pesquisa, o espírito mágico, o *continuum*... e tem a coragem de expressar-se sem as palavras silábicas ou teóricas. Escrever não me aparece como ilustrar imagens ou o jargão do vice-versa: fotografias como ilustração de texto. Para um fotógrafo que usa a subjetividade como mote, ligar-se à arqueologia enquanto ciência é quase tornar-se outro. Melhor, mais interdisciplinar? É um tal de encantar-se à ideia do tempo arqueológico - um informativo que escorre através do tempo próprio do da fotografia – esta que *a princípio*, tem um (in)certo poder de "congelar" o tempo, e as coisas...

Falar ou escrever em **Foto-Arqueologia**, um projeto que venho desenvolvendo mais ou menos desde o livro *Amazônia antiga arqueologia no entorno* (Paiva & Canejo 2009), não é simplesmente aliar as coisas, juntando arquivos de imagem elementares, as histórias ou as ditas áreas desta ciência, a partir inclusive de meu interesse na leitura de artigos, sempre. Não é metalinguagem, um centrípeto. É como um não - escrever, um não - norte, ou o "não-lugar" (antropológico). O que chamo de *fotoarqueologia* diz também sobre o traquejo da imagem para ler e interpretar, e quiçá: acrescentar novas dimensões à história cultural... A imagem, quando coesa, permite aprofundar o universo simbólico. Não intenciono aqui apresentar um ensaio na perspectiva que aluda em se obter uma experiência estética, unicamente, como nas paredes de um expográfico. Tampouco se trata de direcionar conceitualmente desmembramentos contidos sobre as ligações óbvias de passado - presente.

O que faz, por exemplo, a junção de uma foto de uma estatueta de ancião peruano da cultura Moche ao lado de um indígena de Altamira do Pará, e no centro uma urna marajoara ou um muiraquitã? Ou o que se pode impressionar entre os corpos de dois ribeirinhos (um deles no frontal com bola de lama nas mãos e um pescador da vila do Sucuriju pelas costas com colar de dente de jacaré, e no centro uma imagem de urna 'Maracá', também vista de costas)? Para os olhares da pesquisa, isso pode ser um disparate?

Uma das primeiras ligações das pessoas com a arqueologia foi muito através da fotografia, creditando teorias ou desvendando cidades mitológicas europeias como (Tróia etc.), mais acessíveis ao público. Fotografia e arqueologia foram ambas desenvolvidas no século XIX.

No Brasil, D. Pedro II foi um grande incentivador e colecionador da Fotografia. O trabalho hercúleo e as expedições etnográficas do alemão Curt Unkel Nimuendaju (1883-1945), etnólogo e também ótimo fotógrafo, todos sabem, estimularam alicerces de pesquisa na Amazônia atlântica. Machu Picchu se tornou mais impressionantemente "real" através do olhar do grande fotógrafo nascido camponês, Martin Chambi (1891 - 1973). Betty Meggers mostrou ao mundo imagens das exuberantes urnas marajoaras de estilo Joanes pintado. Os sítios de geoglifos, no Acre e Bolívia, vieram à tona por conta da captura de imagens aéreas. O cinegrafista e fotógrafo Silvino Santos, autor do longa metragem *No País das Amazonas*, de 1921, transformava o oco de grandes árvores em laboratório fotográfico: à noite na floresta, sempre com lonas presas às raízes para proteger contra a luz, ele revelava seus filmes analógicos.

O livro "Hercules Florence: A descoberta isolada da fotografia no Brasil" (Kossoy 2006), do professor Boris Kossoy, fotógrafo e historiador da fotografia, resgata e comprova experimentos de materiais fotossensíveis precursores com métodos de "impressão pela luz", uma descoberta independente da fotografia no interior do Brasil a partir de 1833, antes mesmo do invento oficial e famoso do Daguerreótipo, em 1839, por Joseph Nicéphore Niépce e Louis Jacques Mandé Daguerre, na França.

Para cada época, a produção de imagens quase sempre foi vista como fruto da modernidade tecnológica. Como hoje, que manipulamos freneticamente o ambiente digital. Será que poderíamos refletir que a mesma impressão de vanguarda se passou com ilustrações a preto, vermelho e branco em paredes rochosas do período Pleistoceno - Holoceno?

No baixo Amazonas, os sítios na região das Serras de Monte Alegre, por exemplo, com suas pinturas, fogueiras e líticos, estão no repertório das primeiras ocupações humanas das Américas, de 12 mil anos. A expedição pós – colonial de Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista luso brasileiro - autor do célebre “Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão – Pará”-, entre os anos de 1783 e 1792, foi a primeira incursão a produzir crônicas também em **imagens** (de Monte Alegre), na companhia de artistas - desenhistas. Cabe pensar aqui sobre a importância da IMAGEM que se desvela no fluxo da história, ela em si há muito e muito tempo ferramenta e catapulta à transmissão de conhecimento.

Afora reflexos sobre técnicas científicas ligadas à fotografia, se a ideia for o "decifrar das imagens" (Kossoy 1999) montadas no ensaio abaixo em forma de TRÍPTICOS fotográficos - termo que me aproprio do universo das artes visuais, então o tal DECIFRAR de trios imagéticos me cabe abertamente propor caber à interpretação própria do leitor (e pesquisadores) da Quatro Campos, mesmo sob uma égide subliminar que possa propagar certa "viagem sensorial". É preciso, atualmente, restaurar o aspecto sensorial da fotografia.

Três fotos justapostas em uma, compondo um ensaio de 14 imagens montadas (que dão 42 mais 01), pode ser também a manifestação dum outro viés do que arqueólogos estão chamando de `arqueologia sensível` ou (do) sensível: engajada, humilde e desalienada, comprometida, afetuosa e atenta ao que percebem os amazônidas sobre o patrimônio (Lima & Lins 2019). As relações importam!

Para compor um ensaio fotográfico, em campo, nos sítios, nos igapós, nas casas ribeirinhas... eu costumo escutá-los, dou-me longos espaços ao processo do relacionamento e do porvir. Talvez a própria fotografia densa possa construir outros elementos mais do que o fluxo do simples documentar.

Formar conjuntos de trípticos como "bricolagem" das minhas experiências na Amazônia, há tempos, com caboclos e ribeirinhos no entorno ou ao *rés-do-chão* no grão de sítios arqueológicos, acompanhar seus modos antigos e tradicionais de vida no contemporâneo e registrar artefatos de coleções museológicas ou particulares (presto reverência ao entrar nas reservas técnicas!), é como transbordar uma ideia de constituição dum potente Patrimônio – um Patrimônio Imagético como produção de conhecimento e de contiguidade, tão importante quanto os patrimônios Memorial, Material e Imaterial.

Paisagens, os sítios e seus entornos (1), os lastros, objetos e vestígios (2) e retratos de pessoas (3) se justapõem nos imaginários, mitologia, diversidade e complexidades amazônicas. Mas dípticos ou trípticos também podem se perder porque não há um vislumbre de “tese conclusiva”.

A fotografia conta histórias, mas é muito sugestiva e dada a interpretações e pontos de vista. São conexões que tento (des) conceituar com flashes intuitivos. Como os filtros gelatina ou os níveis de latitude e contraste, são fotos a DESVELAR.

Quando, em campo, me debruço nos mini estúdios improvisados para fotografar as coisas arqueológicas das histórias antigas da Amazônia, preocupa-me menos as definições *poli pixelizadas* ou os *balanços de branco* no ajuste da câmera, ou ainda as escolhas de cenário e cor do fundo infinito; porém, a despeito do manejar da LUZ, aderindo-a nos volumes e bordas dos artefatos, à policromia, ao quartzo, aos grafismos, às figurações zoo-antropomorfas... o que me move ali no ato fotográfico, como agente em prol da estética, é uma espécie de "prática de subjetivação" na relação com as cerâmicas, líticos e remanescentes ósseos. A fotografia, no bidimensional, será que age na transformabilidade das formas? Eu, corpo, razão e cognição, diálogo com a Agência das coisas?

Entre janeiro e março de 2020, tempo logo anterior à primeira onda de Covid-19, realizamos uma exposição itinerante em Macapá (AP), com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – NuParq/IEPA. Uma das ideias da mostra fora, a partir de meu acervo, elucidar fotografias narradas das arqueologias para FICAR na Amazônia, como uma reciprocidade intencional na doação das obras após a exposição, assim permanecendo/ficando no Amapá para sempre. A última foto deste ensaio é a Capa do catálogo com o longo título do expositivo, que teve temporada na Fortaleza de São José de Macapá. Entre os textos que aprecio, um trecho do da arqueóloga Mariana Petry Cabral, correlaciona a ideia de **encontros**, que pode também servir, no *subliminar* das coisas, nos diferentes trípticos fotográficos:

"(...) As belas peças dos acervos arqueológicos são apontamentos de uma riqueza ancestral, indígena, que transborda para o presente para nos lembrar que é a vida humana na Amazônia – tão diversa e intrincada – que produz a exuberância que nos fascina... a Foto-Arqueologia não produz apenas imagens, ela produz impactos sobre nossas ideias e nossos anseios. Ela evidencia que o passado – indígena, ribeirinho, cidadão – continua presente, não apenas nas coisas antigas, mas também nas histórias contadas, nas práticas vividas, nos lugares visitados. O passado não

passou, as pessoas – caboclas, ribeirinhas, indígenas ou urbanas – seguem produzindo o patrimônio mais rico que a Amazônia pode oferecer: a diversidade." (Cabral 2019)

Entre o que irmana do **arqueológico e o fotográfico**, pode haver uma consubstanciação. Espero que este breve "documentarismo imaginário" feito em trípticos, proporcione novas percepções.

** As imagens dos lugares, pessoas e cotidianos, presentes neste ensaio, são em sua maioria feitas no Estado do Amapá, onde viajo desde 2006. Elas fizeram parte também de uma exposição na cidade de Macapá – vide último tríptico com referências e apoios diversos.*

Referências

- Cabral, M. P. 2019. Entre o fotográfico e o arqueológico: encontro no cotidiano da Amazônia. Macapá: IPHAN, (Texto para Exposição Fotográfica "Foto_Arqueologia que fica: Na Amazônia", de Maurício de Paiva).
- Didi-Huberman, G. 2017a. Quando as imagens tomam posição: o olho da história, I. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Kossoy, B. 2006. Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil. Edusp.
- _____. 1999. Realidades e ficções na trama fotográfica. Ateliê Editorial.
- Lima, H. & Juliana Lins. 2019. Arqueologia em perspectiva intercultural no alto rio Negro. N. 3, *Revista Aru*.
- Paiva, M e Canejo, M. T. 2009. Amazônia Antiga - Arqueologia no Entorno. São Paulo: Ed. Dbá.





























